



"Educação como prática de Liberdade":  
cartas da Amazônia para o mundo!

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ (UFPA)  
SET-OUT 2021

ANPEd - Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação

9734 - Resumo Expandido - Trabalho - 40ª Reunião Nacional da ANPEd (2021)

ISSN: 2447-2808

GT21 - Educação e Relações Étnico-Raciais

**MULHERES NEGRAS QUILOMBOLAS: UM ESTUDO DE CASO SOBRE AGÊNCIA FEMININA NA DINÂMICA DA GERAÇÃO FAMILIAR, BARRINHA, BOM JESUS DA LAPA-BAHIA**

Kleide Iraci Marques Silva - UFMG - Universidade Federal de Minas Gerais

Carmem Lucia Eiterer - UFMG - Universidade Federal de Minas Gerais

**MULHERES NEGRAS QUILOMBOLAS: UM ESTUDO DE CASO SOBRE AGÊNCIA FEMININA NA DINÂMICA DA GERAÇÃO FAMILIAR, BARRINHA, BOM JESUS DA LAPA-BAHIA**

Resumo

O texto apresenta dados da pesquisa de doutorado, problematizando a agência feminina quilombola. O estudo teve como objetivo compreender como as mulheres quilombolas de Barrinha, Bom Jesus da Lapa, Bahia, produzem suas relações de gênero, considerando mudanças e permanências nas gerações familiares. A perspectiva teórico-metodológica se ancora, principalmente, nas teóricas Crenshaw (2002), Davis (2016), hooks (1995), Carneiro (2003) e Collins (2019) para dialogarem conosco sobre interseccionalidade de gênero, raça e classe social e o pensamento negro feminista, pois, as trajetórias das mulheres quilombolas de Barrinha, parceiras da pesquisa, estão atravessadas por esses marcadores de opressão. As colaboradoras foram escolhidas sob o critério de dois cortes etários, a saber: o primeiro abarca mulheres de 27 a 38 anos e um outro composto por mulheres mais velhas de 55 a 69 anos que são genitoras das mulheres do primeiro corte. O estudo revela que o cuidado como atribuição feminina ocorre em todo o processo de desenvolvimento dos sujeitos para a reprodução do grupo. Entre as envolvidas estão mães, parentes, vizinhas e avós; o trabalho reprodutivo e educação são atributos, exclusivamente, femininos. Entretanto, identifica algumas mudanças como as lutas por equidade racial e de gênero, e a busca de uma educação não sexista para as gerações de seus filhos/netos.

Palavras-chave: Quilombo. Gênero. Raça. Geração Familiar. Territorialidade

O objetivo do texto é apresentar parte da pesquisa de doutoramento defendida em 2021, problematizando a agência feminina quilombola. Entendemos que agência refere-se à

capacidade de um indivíduo para agir de forma independente e fazer suas próprias escolhas de forma autônoma. Para Giddens, “ser agente é ser capaz de exibir no fluxo da vida cotidiana uma gama de poderes causais, incluindo o de poder influenciar os manifestados por outro (2003, p.17)”. A pesquisa procurou, portanto, compreender como as mulheres quilombolas de Barrinha, Bom Jesus da Lapa, Bahia, produzem suas agências em meio as relações atravessadas por marcadores sociais de gênero, raça e geração. Gênero aqui é concebido de forma relacional, uma vez que se refere às relações de poder entre homens e mulheres, cujos papéis sociais de cada um são condicionados pelas interpretações das diferenças anatômicas. Consideramos as mudanças e permanências na agência delas nas gerações familiares, concebida neste estudo a partir da posição genealógica do sujeito na família. Para tanto, o estudo se ancorou na interseção dos temas Quilombo, Gênero, Raça e Geração, cujos conceitos concebemos de forma integrada por serem marcadores sociais de opressão. Sendo assim, a interseccionalidade despontou como conceito-chave para compreender melhor o objeto de estudo. Recorremos a Crenshaw (2002, p. 177), para demarcar o conceito de interseccionalidade que busca capturar as consequências estruturais e dinâmicas da interação entre dois ou mais eixos da subordinação, ou seja, é a forma pela qual o racismo, o patriarcalismo, a opressão de classe e outros sistemas discriminatórios criam desigualdades básicas que estruturam as posições relativas a mulheres como, raça, etnia, classe, entre outras.

O propósito do estudo, portanto, é compreender o que mudou na configuração da agência feminina na comunidade dentro das relações de gênero ao longo de duas gerações, sendo os principais objetivos específicos: analisar como as mulheres interpretam/significam sua agência na comunidade em relação às perspectivas de gênero, raça e geração; analisar o significado que as mulheres quilombolas atribuem ao ser mulher negra e ao seu pertencimento a uma comunidade quilombola nos dias atuais; compreender como as mulheres quilombolas percebem os papéis desempenhados por elas na comunidade em relação aos assumidos por suas mães e avós e ainda em referência à suas filhas. Nossa hipótese considerou que a intersecção entre raça, classe e gênero estabelece uma condição de vulnerabilidade e, conseqüentemente, de enfrentamento que norteia localmente a agência das mulheres negras quilombolas, conduzindo-as a abraçar novas formas de trabalho como forma de reprodução do grupo que, parcialmente, se diferencia da geração anterior.

Nessa direção, à perspectiva teórico-metodológica se ancora, principalmente, nas teóricas Davis (2016), hooks (2000), Carneiro (2003) e Collins (2016) para dialogarem conosco sobre o pensamento negro feminista. A pesquisa se desenvolveu sob a abordagem qualitativa e a opção pelo estudo de caso se deu conforme a especificidade do estudo, pois a comunidade apresenta uma experiência diferente de outros quilombos da região quanto à agência feminina, principalmente, no que se refere à atuação política. A atuação de lideranças marcadamente feminina se destaca em relação às demais.

As principais técnicas de produção de dados foram a entrevista e a observação. Este trabalho pretendeu compreender o universo da pesquisa e os diferentes elementos abarcados pelo estudo de forma a unir particularidades ao todo que compõe o contexto, de modo a referenciar as mulheres em foco como detentoras de um conhecimento específico que se inscreve na experiência encarnada de suas agências. O tratamento dos dados se deu conforme a análise de conteúdo que, conforme Bardin (2016) incide sobre o conteúdo manifesto e as interpretações em contexto. A operacionalização do referido estudo se deu da seguinte forma: os temas foram aglutinados conforme os núcleos de sentido e articulados aos objetivos do estudo. Como recomenda a autora, organizamos a análise em três polos cronológicos: a pré-análise; a exploração do material; o tratamento dos resultados, a inferência e a interpretação. As colaboradoras foram escolhidas sob o critério de dois cortes etários, a saber: o primeiro abarca mulheres de 27 a 38 anos e um outro composto por mulheres mais velhas de 55 a 69

anos (dados coletados em 2019) que são genitoras das mulheres do primeiro corte. Destarte, foram selecionadas 10 mulheres para colaborar com a pesquisa a partir da posição geracional na família: mãe e filha. Elas são autodeclaradas negras (exceto duas que se declararam pardas) e quilombolas. Quanto às suas agências, elas são mães de família, pescadoras (exceto uma), duas são artesãs, duas trabalham em barraca na beira do rio em que uma é a proprietária e a outra é atendente. Encontramos uma que se especializou em armadora de ferragem e é também condutora de embarcação, outra se habilitou como pedreira para alargar o campo de trabalho. Outras mulheres já realizaram o trabalho na roça e não trabalham mais por conta da ausência do documento de titulação da terra, algumas dessas produtoras rurais já estão até aposentadas. Uma mulher é diarista e trabalha no sindicato e na Associação Quilombola e é liderança comunitária, juntamente com outras mulheres, pois esse segmento constitui a maioria em relação aos homens. Todas participam da associação Quilombola como filiadas e lideranças. Há também lideranças religiosas e encontramos entre as parceiras do estudo duas que são juristas leigas e todas, sem exceção, realizam trabalhos domésticos. Falar do contexto no qual as mulheres negras quilombolas vivem é importante pois, os sujeitos produzem o lugar e o lugar os produz também.

Barrinha é um entre os 17 quilombos de Bom Jesus da Lapa, Bahia. Para a cidade milhares deromeiros e turistas vão o ano inteiro visitar ou conhecer a beleza do Santuário do Bom Jesus e das festividades religiosas, onde ocorrem romarias. O aspecto religioso é preponderante deixando o rio São Francisco em segundo plano, ainda que o município se beneficie dessa riqueza hídrica para produzir frutas até para exportação. Barrinha é, pois, uma comunidade beiradeira pois, se situa à beira do Velho Chico e essa localização facilita a atividade pesqueira, principal fonte de renda da comunidade.

O estudo apontou permanências e mudanças de uma geração para outra. Vale a ressalva sobre o que aponta Oliveira (2005) sobre a influência de gerações anteriores a afetar as gerações futuras que podem tanto aprender com elas, como podem fazer diferente ou não. Destarte, o que se observou é que nos núcleos familiares, as agências femininas são transmissoras de valores, mas também são capazes de romper a tradição criando o novo, como consta de alguns registros. Identificamos entre as permanências: o cuidado, como todo trabalho reprodutivo e a educação são atributos femininos; dupla/tripla jornada de trabalho. Trabalhos pesados considerados como masculinos são realizados por algumas mulheres com tendência à naturalização. Por serem negras, elas se veem ocupando os mesmos papéis atribuídos a elas, como cuidar da terra, desde a escravidão. Mudanças: trabalhar fora de sua residência; lutas por equidade racial e de gênero, potencializadas pelo aumento do nível de consciência, prática de educação não sexista.

Deste modo, o estudo aponta que a agência das mulheres se situa no domínio privado e público. Percebemos que ambas as gerações participam da Associação desde sua criação, como extensão das ações de cuidado desempenhadas por elas. O grau de participação das mulheres se diferencia de uma geração para outra, sendo que há a prevalência das mais jovens. A agência de liderança se estende também para o campo religioso.

É interessante neste ponto conclusivo repensar a noção de liberdade e ação das agentes dentro de um contexto histórico-social-capitalista. O recorte de classe é necessário para pensar como ele reverbera na autonomia, considerando a vulnerabilidade de homens e mulheres negros/as, e especialmente das comunidades quilombolas, no contexto brasileiro. A autonomia de mulheres e de homens em relação à opção de trabalho é restrita em virtude de uma realidade de inexistência de pleno emprego, sendo pouco provável que as mulheres, por exemplo, podendo escolher, abarcassem trabalhos considerados pesados ou mesmo escolhessem trabalhar em casas alheias.

O estudo apontou que o cuidado como atribuição feminina ocorre em todo o processo de desenvolvimento dos sujeitos para a reprodução do grupo. É necessário observar que na célula do ambiente doméstico, no contexto da pesquisa, as coisas, aqui e ali, vão mudando aos poucos, a depender da família. Percebemos nas negociações que ocorrem no âmbito de algumas famílias, uma forma de mudança que se traduz em diálogos e não raro acaba mesmo em mal-estar dentro de casa no compartilhamento de tarefas domésticas. Em que pese o trabalho reprodutivo e o educativo são compreendidos ainda como atributos, exclusivamente, femininos, entre as envolvidas estão mães, parentes, vizinhas e avós; o estudo apontou como algumas mudanças da geração mais jovem em relação à anterior as lutas por equidade racial e de gênero, principalmente, no nível de uma educação não sexista.

## REFERÊNCIAS

BARDIN, Laurence. *Análise de Conteúdo*. Tradução de Luís Antero Reto e Augusto Pinheiro. Lisboa: edições 70, 2016. (Obra original publicada em 1977)

CARNEIRO, Sueli. Mulheres em Movimento. *Estudos Avançados*, São Paulo, v. 17, n. 49, p. 117-133, 2003. ISSN1806-9592. DOI 10.1590/S0103-40142003000300008, Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/ea/v17n49/18400.pdf>. Acesso em: 13 mar. 2019.

COLLINS, Patrícia Hill. *Pensamento Feminista Negro: conhecimento, consciência e política do empoderamento*. Tradução de Jamille Pinheiro Dias. São Paulo: Boitempo, 2019.

CRENSHAW, Kimberlé. Documento para o encontro de especialistas em aspectos da discriminação racial relativos ao gênero. *Revista Estudos Feministas*, Florianópolis, v. 10, n. 1, p. 171-188, 2002. ISSN 1806-9584. DOI 10.1590/S0104-026X2002000100011. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/ref/v10n1/11636.pdf>. Acesso em: 11 mar. 2019.

DAVIS, Ângela. *Mulheres, Raça e Classe*. São Paulo: Boitempo, 2016.

GIDDENS, Anthony. *A constituição da Sociedade*. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

HOOKS, Bell. *Intelectuais Negras*. *Revista Estudos Feministas*, Florianópolis, v. 3, n. 2, p. 464-478, 1995. ISSN 1806-9584. DOI 10.1590/%25x. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/ref/article/view/16465>. Acesso em: 13 mar. 2019.

OLIVEIRA, Zuleica Lopes Cavalcanti. *A Provisão da Família: redefinição ou manutenção dos papéis?*. In: ARAÚJO, Clara Maria de Oliveira; SCALON, Maria Celi Ramos da Cruz (org.). *Gênero, família e trabalho no Brasil*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2005. p. 123-147.